

BORBOLETA

HEBDOMADARIO DE LITTERATURA

VOLUME II.

DOMINGO 18 DE FEVEREIRO DE 1877.

NUMERO 19

Director — Dias Freitas.

Proprietario — Magalhães Junior.

O POETA ZORRILLA

Depois d'um silencio diuturno — lamentado profundamente pelos amadores da poesia hispanhola — reapareceu outra vez na sociedade da nação visinha o poeta Zorrilla, circundado das magias do seu trovar legendario.

A sociedade hispanhola — conscia dos meritos sobre-salientes do implantador do romanticismo na sua patria — acolheu em delirio d'entusiasmo os novos carmes do cantor do *Cid*.

Foi nos salões dos marqueses de Das Hermanas — fidalgos prezadores das letras — que o poeta Zorrilla recomeçára as suas trovas, deixando pendentes dos labios a quantos o escutaram.

A nobreza do sangue — conscia da indole do seculo — alliou-se donairoza com a nobreza do talento; e deu ao mundo um exemplo maravilhoso de cordura progressista.

Não desperdiça o tempo em saraus banaes: — aproveita-o em convívios productivos. — Honra o genio; e honra-se a si.

E' que na Hispanha d'hoje é a nobreza, o que ella fôra em nosso Portugal, depois que o nosso João Rodrigues de Sá e Menezes — alcaide-mór da cidade do Porto no seculo XVI — aliára tambem as letras com a fidalguia: — e alliando-as então em magico amplexo, fez que d'elle e d'ellas se popularisasse esta quadra lyrica:

«As letras que não achastes,

«Vós as mettestes na terra:

«A' nobreza as ajunctastes,

«Com quem d'antes tinham guerra.

Pela nossa parte — como cultor das letras em geral, e presador da poesia hispa-

nhola em particular — folgamos de vêr de novo em scena o collega de Martinez de la Rosa, Espronceda, e Duque de Rivas — ornamentos collossaes da nossa visinha Hispanha.

Assim como Espronceda — no campo do romanticismo — é para nós o poeta severo da idea; assim é para nós Zorrilla — na mesma eschola litteraria — o poeta feiticeiro da fórma.

O poeta Zorrilla — gloria natalicia de Valladolid, onde viera á luz em 21 de Fevereiro de 1817 — será sempre o cantor mimoso da *Plegaria à la Esperanza*, de que nunca se esquecerá, quem uma vez a tiver meditado:

Blanca ilusion!; benefica esperanza!
Triste y última luz del corazon,
A cuyo tibio resplandor se alcanza
Un *mas allá* en el negro panteon!

Tú sola nos alivias el camino,
En que entramos al tiempo de nacer:
Nuestro amargo destino es tu destino,
Siempre amiga te hallamos por dó quier.

Si tú nos doras la niñez tranquila,
Tú enciendes nuestra ardiente juventud;
La vejez nos sostienes que vacila,
Y aun ardes en el cóncavo atahud.

Sol en la vida, lámpara en la muerte,
Siempre nos vienes asistiendo en-pós;
Y amiga fiel nos dejas al perderte
Al piè del trono del inmenso Dios.

¡Sol de mi vida! Sin cesar conmigo
Mis lentas horas alumbrando ven:
No apagues — no — tu resplandor amigo
Mientras mis ojos en vigilia esten,

¡Lámpara de mi nicho solitario!
Baja conmigo al negro panteón:
Y seáname los pliegues del sudario
De sueño eterno santo pabellón!

E' por tudo isto, que justificadamente nos comprazemos com a reaparição de Zorrilla em scena:—poeta inebriante, a que no *Casino de la Prensa* deram agora a presidencia honoraria da secção de poetas lyricos hispanhoes, dando-se a presidencia effectiva a Ramon de Campoamor, e a vice-presidencia a Ruiz Aguilera.

Não podia — nem devia — esconder-se aos fulgores da vida, o bardo que a decanta feiticeiro, começando e repetindo assim em carmes fascinadores:

¡Bello es vivir! la vida es la armonía,
—Luz, peñascos, torrentes y cascadas,
—Un sol de fuego iluminando el día,
—Aire de aromas, flores apiñadas!

Braga.

PEREIRA-CALDAS.

JOÃO BAPTISTA GOMES

Conhecem perfeitamente o famoso auctor da *Nova Castro*.

Seria opprobrio desconhecerem o poeta portuense, honrado na Allemanha ha 30 annos, desde que Alexandre Wittich traduziu a tragedia d'Ignez.

João Baptista Gomes, filho d'outro de egual nome e appellido, foi guarda-livros no Porto. — Casou com uma formosa menina, D. Anna Benedicta Gomes. — Morreu na flôr da idade em 20 de Dezembro de 1803. — Nos braços da sua viuva, que contava 24 annos, deixou uma menina, D. Thereza Benedicta, que veio a ser esposa do Dr. José Machado d'Abreu, que morreu barão de S. Thiago de Lordello.

A viuva do poeta falleceu em 1844, aos 66 annos d'idade. — A bisneta do auctor da *Nova Castro*, D. Maria Ismenia d'Abreu, ainda vive, casada com o snr. Guilherme Francisco d'Almeida e Silva, coronel de cavallaria.

O Dr. José Machado d'Abreu, reitor da universidade e barão de S. Thiago de Lordello, contrahiu segundas nupcias. — A exc.^{ma} baroneza, que enviuvou na flôr dos annos, casou com o snr. conselheiro Adriano d'Abreu Cardoso Machado, tam notavelmente respeitado nas boas-lettras,

como na politica militante, á qual não chamo tambem *boa*, para me forrar a contendas com os que militam na politica diversa.

João Baptista Gomes, ainda em Fevereiro do anno em que morreu, levado de generosa inspiração, escreveu um *Elogio aos cidadãos do Porto*, concorrentes a um beneficio destinado a suavisar a desgraça dos presos. — Foi o *Elogio* recitado no real theatro do Principe, na noite de 16 de Fevereiro de 1803.

Esta poesia — inédita — não é talvez a unica reliquia desconhecida d'aquella forte, dado que inculca intelligencia, da qual Garrett escreveu:

Atalhou-o a morte em tam illustre carreira, e deixou orphão o theatro portuquez, que de tamanho talento esperava reforma e abastança.

Por ventura, no espolio da sua viuva, se encontrariam as paginas soltas da historia dos seus reciprocos amores; e talvez as fatidicas tristezas da morte, que empecuou ao desabotoar das vergontas d'aquella poderosa phantasia. — Como quer que seja, desde que João Baptista Gomes se extinguiu, raras vezes as honras pósthumas lhe enverdecera a gloria na lembrança dos vivos; nem alguém se lembrou de lhe estremar os ossos sepultados na egreja de S. Francisco.

No *Elogio aos portuenses*, ha versos de profundo sentimento, d'elevado conceito, e dos mais condimentados com as especies arcadicas d'aquelle tempo.

Queiram lhe bem os portuenses, ao seu poeta; e inscrevam mais este nome no numero dos que — depois de cantarem duas ou tres primaveras — quebraram a lyra na pedra do sepulchro.

¿Que mysterio haverá n'esta ceifa da morte — n'este golfão que tantos cerebros grandes e ardentes dissolve na leiva dos cemiterios? — Coelho Lousada, Evaristo Basto, Soares de Passos, Arnaldo Gama, Ernesto Pinto d'Almeida, Guilherme Gomes Coelho, e ainda hontem o maximo entre os melhores — Guilherme Braga!...

João Baptista Gomes, dez mezes antes de se arrancar — não sei se ás alegrias, se ás amarguras da existencia — pedia esmola para os encarcerados; e deixava aos seus portuenses talvez os derradeiros sons da sua harpa.

1874.

CAMILLO CASTELLÓ BRANCO.

AO LIMAR DO INFINITO

SCIENCIA E FE'

MEDITAÇÃO

... E eu era triste e só aos fins da tarde
 N'um marítimo sêro debruçado
 Contemplando o Oceano; e alem da vagas
 Via extinguir-se o ignivomo luzeiro,
 Do cristalino azul pupilla enorme.
 Quaes palpebras immensas o encobriam
 As rubras faxas do incendiado occaso.
 Manso e manso o crepusculo descia,
 Sacerdote sombrio, desposando
 Nascente a noite e o dia moribundo.
 Misterioso hymineu, eterno espelho,
 Em que o homem, esse hybrido composto
 De treva e luz, inteiro se retrata,
 Prezo de um lado ao pó, de outro ao incenso!
 Com thiara de estrellas se adornava
 O firmamento; e a toga de saphyras
 Desdobrava no espaço immensuravel.
 Do ceu pela tristeza se afinava
 Dentro em mim uma lyra, colia harpa
 A meus dedos defeza, só roçada
 Pelo vento das azas do mysterio.
 Da lyra os suavissimos accordes
 Eram da natureza o hymno augusto;
 E do hymno a letra um nome incomprehen-
 sivel

Monosylabo immenso, eterno,—Deus!

Ao homem, que na senda da existencia
 Pára, e contempla o enigma de seus dias,
 Dois phantasmas sombrios se alevantam
 Da curta vida nos extremos polos;
 Um sella do passado a boca enorme,
 Outro, vendada a fronte, entreabre as campas
 Do ignorado porvir, e a sombra d'ambos
 Lhe affoga em noite o espirito anciado:
 Um mysterio no berço, outro na campa,
 Eo stadio que os separa, a vida, é sonho,
 Que se esvae entre a dôr e um vão sorriso.
 N'este oceano de incognitos mysterios
 Mergulhou-se a minh'alma, e em sombra in-
 volto

Surdi tremendo á flôr de umbroso abysmo,
 Arrastando a duvida insensata,
 Triste, negra, medonha... e eu meditava,
 E em mim se abria um baratro medonho
 Insondavel ás vistas do meu 'spirito!
 E as portas da esperanza afferrollhando-se
 Me deixavam no horrôr de limbo immenso.

No ceu e na minh'alma anoitecêra;
 N'aquelle os astros, nesta os pensamentos
 Em lobrega núdez bruxuleavam,
 E um livido pallôr mostrava em ambos

Phantasticos clarões, e enormes sombras.
 Delirantes as vagas dos meus sonhos
 Ora roçam os ceus, ora se abysmam
 Da duvida nos antros pavorosos.
 Pyrilampo nas trevas do infinito
 Vagueava-me a razão quasi apagada,
 E um diluvio de sombras negras, horridas
 Da mente ás cumiadas me inundava;
 Mas das sombras alem sentia absorto
 No ceu, no abysmo, em tudo, a immensidade,
 Dos horrôres do cahos revestida!!!

E do meu Araráth mandei o espirito
 Em demanda de um ponto luminoso
 Onde firme pousasse... um mar de trevas
 Só encontrei na creação inteira!
 Mandei depois a fé, mimosa pomba,
 Que nas candidas azas me trazia
 Splendores do Thabor, de Horeb as luzes,
 Leis do Sinay, o Lirio do Carmello,
 Na prophetica nuvem reflectido,
 E do Golgotha um ramo de esperanças.
 Calquei então a serpe intumescida
 Da vã sciencia, o porvir illuminou-se-me;
 Das côres da esperanza, a treva esvae-se
 Rasga-se á Sphinge o véo, e á luz da crença
 Li na biblia de Deus do mundo a biblia.

Vianna.

B. WERNÉCK

NO ESPOLIO DE UM BISPO

Em 3 de Fevereiro de 1876 ás cinco
 horas tarde, saía da igreja do convento
 de freiras de Santa Monica, em Evora, um
 enterro singello no acompanhamento e no
 fausto. Os alumnos do Seminario e os do
 Lyceu com alguns sacerdotes incorpora-
 dos acompanhavam ao jazigo derradeiro
 a um cadaver. Era um velho octogenario.
 Baixo, amortalhado n'um alvissimo lençol,
 pendia-lhe do pescoço sobre o peito uma
 grande cruz, insignia de superior auctori-
 dade ecclesiastica.

Era o bispo D. João de Aguiar, resi-
 gnatario de Bragança, eleito de Beja e não
 confirmado.

Por disposição de ultima vontade não
 quizera na morte apparatus nenhum. Acompa-
 nhava-o, porém, por camaradagem amiga,
 o cabido da sé de Evora, onde fôra digni-
 dade, e apoz o seu feretro ia a pé o ac-
 tual arcebispo d'Evora, D. José Antonio
 Pereira Bilhano.

Dividira os bens que tinha por seus do-
 mesticos e dispensára todas as honras que
 se devem na morte aos principes da Igreja.

Fôra um homem de genio violento aquelle velho de pequeno corpo.

Em quinta feira Maior, assistindo ás Endoenças em Bragança, extravasára a bilis de ha muito accumulada no peito, contra os conegos d'aquella sé, dando uma forte contoada com o baculo, n'um dos conegos, na occasião em que o paramentavam na capella-mór. Com tal arte fizera a obra, que o publico só vira movimentos naturaes no prelado, que pregára nas pernas do conego tremendissima canellada com o conto do baculo.

No dia seguinte, desaparecera de Bragança, e voltára a sua casa em Evora, onde viveu alguns annos fechado, mostrando-se a mui poucos amigos.

Foi durante este tempo zeloso cumpridor dos seus deveres sacerdotaes, dizendo missa todos os dias ao romper da manhã na capella de sua habitação. Viveu quasi cego nos ultimos annos da sua vida. Tinha uma soffrivellivraria o bispo, que era doutor em Theologia por Coimbra, e muito amigo do estudo.

Por sua morte, no fundo de um bahú, que sempre o acompanhava, foi encontrado um punhal de tres gumes em bainha de couro, com o cabo, ou punho de tartaruga já corroido pela traça!

Que thema para romance!

Evora.

A. F. BARATA.

A NOIVA D'ABYDOS

Poema de Lord Byron

Versão de Alfredo Campos

Canto segundo

IV

Brilha a luz no aposento silenciozo ;
Sobre rica ottomana adamascada
Os grãos d'ambar cheirosos são dispersos
Os grãos, em que passou as mãos phantasticas ;
Ao pé—como esquecer joia tão grande ? —
Jaz o santo amuleto que ella herdára
D'aquella que lhe fora mãe, ornado
D'esmeraldas, e onde é gravado o texto
Do Koursi—talisman nas duas vidas !—
Ao lado do rosario turco vê-se
O Korão ricamente *iluminado*
E numerosas peças de poemas,
Dos naufragios do tempo livres, salvos,
Transcriptos em brilhantes caractéres
Por copistas da Persia inimitaveis ;
Por cima dos papeis um alaude,

Agora silenciozo e que nem sempre
As vozes abafou na soledade.

Em torno d'uma lampada custoza,
D'ouro puro, em relevos, se emmurchessem
N'umas urnas da China frescas flores ;
Os tecidos d'Iran mais afamados ;
De Schirár os perfumes ; emfim tudo
Que os olhos, os sentidos ennehriam
Se juntou nesse espaço sumptuoso,
Que tem, comtudo, um ar bem melancolico.
A deusa moradora desta cellula
Porque anda ausente em tormentosa noite ?

EMMELINA

— ALFREDO DE MUSSET —

VERSÃO LIVRE

DE

Narciso Alberto de Sousa

(Ao distincto poeta Cunha Vianna)

I

Todos se lembram de certo do casamento Duval. Não obstante ter-se fallado d'elle um só dia em Paris, como alli se falla de tudo, foi um acontecimento para uma certa roda. Se a memoria me não falla, foi em 1825. A menina Duval sahia do convento, aos dezoito annos, com oitenta mil libras de renda. O senhor de Marsan, com quem ella casou, apenas tinha o seu titulo e algumas esperanças de chegar um dia ao pariato, por morte de seu thio, esperanças frustradas pela revolução de Julho; não era rico, e tinha sido muito extravagante na mocidade. Diziam que deixára o terceiro andar d'uma casa mobilada, para levar a menina Duval a S. Roque, e entrar com ella n'um dos mais bellos palacios de Santo Honorato. Este singular enlace, feito na apparencia sem reflexão, deu ansa a mil interpretações, nenhuma das quaes era verdadeira, porque nenhuma era simples, e queriam forçosamente descobrir uma causa extraordinaria n'um facto insueto. Com a narração minuciosa das coizas, daremos ao mesmo tempo uma ideia da nossa heroína.

Depois de ter sido a criança mais turbulenta, doentia e teimosa do mundo, Emmelina aos quinze annos tornou-se uma menina branca e rosada, alta, esbelta e de character independente. D'um genio inalteravel e muito descuidosa, só mostrava força de vontade no que dizia respeito ao co-

ração. Ninguém a contrariava; sempre só no seu gabinete, trabalhava no que lhe aprazia. Sua mãe, que a amava e sabia apreciar-a, exigira para ella essa liberdade; a falta de direcção era compensada por um gosto natural ao estudo e uma intelligencia ardente, que são os melhores mestres para os espiritos bem formados. O de Emmelina era por igual sério e jovial; mas a sua idade dava maior vulto a esta ultima qualidade. Muito propensa á reflexão, interrompia de repente com um gracejo as mais graves meditações, e desde então só encarava o lado conico de qualquer objecto. Muitas vezes ria sózinha ás gargalhadas, e no convento acordava a sua visinha, pela calada da noite, com sua alegria ruidosa.

Sua imaginação muito flexivel era susceptivel de enthusiasmar-se. Passava os dias a desenhar ou a escrever; mas, se de repente se lembrava d'alguma aria do seu gosto, largava logo tudo, corria a sentar-se ao piano, e executava cem vezes a aria predilecta em todos os tons. Era discreta e nada communicativa; não tinha expansões d'amisade, porque uma especie de pudor se oppunha a que ella exprimisse os seus sentimentos. Gostava de resolver por si mesma os problemasinhos, que se nos deparam a cada passo; e gosava assim prazeres singulares, dos quaes nem sequer suspeitavam as pessoas que a cercavam. A sua curiosidade, porém, era limitada por um certo respeito a si mesma: eis um exemplo entre outros.

Estudava todo dia n'uma sala onde havia uma grande bibliotheca envidraçada, contendo cerca de tres mil volumes. A chave estava na fechadura, mas Emmelina promettêra a si mesma não lhe tocar, e sustentou escrupulosamente a sua promessa. Este procedimento tinha algum merecimento, porque ella desejava ardentemente saber tudo. O que lhe não era defeso, era devorar os livros com a vista; sabia de cór todos; percorria successivamente todas as estantes, e para chegar ás mais altas collocava uma cadeira sobre a mesa: com os olhos fechados, teria poitado a mão no volume que lhe pedissem. Estimava os auctores pelas suas obras, o que lhe causou terriveis desillusões. Mas isto não vem ao caso.

(Continúa)

CONTRASTE

La quando o veu da noite em branca luz se banha
E tremem na amplidão os astros ao de leve,
E ao longe se divisa o vulto da montanha
Prendendo ao manto escuro o seu capuz de neve:

Quando assobia um vento agudo e penetrante,
Que vérga, açoita e quebra os ramos ja sem ninhos
É muita vez regela o seio ao viandante,
Que vae ferindo os pés nas lages dos caminhos:

Então é que a choupana é triste e desolada;
Não ha lume no lar, o leito não tem roupa;
Pela fendida porta irrompe uma rajada,
Que nem cançado velho, e tenro infante poupa!

No emtanto ha luz, e fogo, e sedas e velludo
Na casa do opulento aberta aos convidados;
Dicta o prazer a lei, que só dirige tudo,
Aligeirando o tempo em ócios perfumados.

Além tanta penuria, as vozes da desgraça,
A supplica afflictiva ou a blasphemia horrenda;
Aqui a tentação sorvida em aurea taça
A vida a deslisar por aprazível senda.

Além pranto e nudez, e a fome, e seus horrores,
E as lividas visões das noutes negregadas;
Aqui o fofó arminho, aromas, cantos, flores
Palestras sensuaes, sonoras gargalhadas...

E' Deus que assim o quer, talhando taes destinos
Tam prosperos os d'um, os d'outro tam acerbos?
Pois elle ha-de dar frio, e fome aos pequeninos?
Thesouros e conforto aos grandes? aos soberbos?

Não é; Deus não o quer; os homens tam somente
Criaram sobre a terra aquella iniquidade.
Se fosse Deus o auctor d'um quadro tam pungente
Não era filha d'elle então a Caridade.

Barca.

ALBERTO CRUZ.

ELVIRA

(Conto original)

A REVELAÇÃO

(Continuação do n.º 11)

O barão interrompe a narração de seus amores, para fitar o rosto encantador de sua filha, que o escutava com manifesta attenção.

Elvira, era esse o nome da filha do barão, estava anciosa por ouvir a terminação da historia. O seu coração que já ha

muito sentia os doces influxos do amor, n'aquella occasião palpitava d'um modo desconhecido.

Não o sabia. Pensei, meditei profundamente e compenetrei-me então, do que tendo aquillo não tinha sido mais que um sonho, que um fatal sarcasmo do destino.

Emcaminhei-me para casa, pensativo e e cabisbaixo. Embebido nas minhas meditações nem sequer volvia a vista para os lados. De repente oiço uma voz perguntar-me:

—Porque vem tão triste?

Volvi os olhos e vi a baroneza que estava sentada junto a um canteiro de flores com o rosto apoiado entre as mãos e com os olhos inundados de lagrimas.

—Triste?! sr.^a baroneza.

—Não parece o mesmo.

—E assim deve ser. Quando um homem depois de ser recebido n'uma casa onde o tractaram com esmero e carinho, é forçado a deixal-a, sente o coração espedaçar-se e no seu rosto não se podem divisar os symptomas d'alegria.

—Desconhecida linguagem! Que quer o sr. dizer com isso?

—Quero dizer que amanhã ao apparecimento dos primeiros arreboes da aurora, deixarei esta casa, talvez para não mais voltar.

(Continua) ARNALDO JOSÉ MARTINS.

EPISODIOS

(A DIAS FREITAS)

II

(Continuação do n.º 18)

Corinna era uma creança bondosa e um tanto sympathica; porém não era bonita.

Vivia com suas irmãs Emilia e Genoveva as quaes com o seu velho pae, artista de merito, habitavam um prédiozinho da rua da Ponte.

O pae de Corinna, tinha enviuvado ha um anno. Era dotado d'um genio rispido, e pouco social. Affeiçãoava extremosamente sua filha Genoveva, a mais velha das tres, a qual se lhe assimilava muitissimo no genio colerico, e nos modos nada agradaveis.

Corinna e sua irmã Emilia, eram menos queridas de Pedro d'Oliveira,—que assim se chamava o patriarcha d'aquella grei—e tinha em Genoveva e no pae dois guardas vigilantes, ou antes dois cerbéros ultraincommodos.

Já d'ha muito que Pedro d'Oliveira

tentára casar suas duas filhas mais novas com dois... lorpas, —se me soffrem a expressão.

N'um bello dia, d'estes bellos dias que teem todas as filhas casadoiras, o artista chamou Corinna e Emilia, e apresentando-lhes as suas futuras ametades disse formalizado:

—Meninas, eis-aqui os maridos que lhes destino. Aqui não ha tuge nem muge. Quero. Escusam de estar lá com a mira em fidalgos e *estudanticos*, esses são bonecos enganadores. Má peste os leve. Ora o que está dicto, está dicto.

Braga

MAGALHÃES JUNIOR.

MAIS GATO (*)

(Por lebre)

Sempre estimavel senhora,
Eu ando agora
Com a pedra no sapato:
Se, alta noite escura e fria,
Um gato mia,
Lembra-me logo o seu gato.

Pode entender o bichano
Que eu o engano,
Ao dizer-lhe—Sou leal;
E, contra mim precavido,
E retrahido,
Como á caça d'um pardal,

Q'rer mostrar ao seu poeta
Que não tem méta
A felina propensão:
E a arranhar-me principia
Um bello dia,
Té me f'rir no coração!...

E acreditem, se quizerem,
Que mais me ferem
As unhas do tal *senhor*,
Causam-me dor mais intensa,
Do que elle pensa,
Ao projectar seu rigor.

Se offendi o seu capricho,
Ao feliz bicho
Não pretendo fazer mal.
Antes me crave uma setta...
Ah! mas prometta
Convencer o meu rival!...

(*) Veja-se a *Borboleta* de 28 de janeiro de 1877, n.º 16, pag. 139.

Quando estiver, em seu leito,
Com todo o geito,
A affagal-o nivea mão;
Como a tanto eu não assisto,
Diga:—Desisto
De punir o toleirão.

Pois em verdade, senhora,
Eu ando agora
Com a pedra no sapato:
Se, alta noite escura e fria,
Um gato mia,
Lembra-me sempre o seu gato.

Figueira, 29 de janeiro de 1877.

JOSÉ D'ORNELLAS.

BEBIDAS

O chá, o café, o chocolate

(Continuação do n.º 17)

I

O CHÁ

Sobre o fabrico do chá nada dirêmos na actualidade, pois que a este respeito já escrevemos um extenso artigo no *Jornal da Sociedade Agricola* do Porto, fazendo-o com esta epigraphe—A AGRICULTURA E A INDUSTRIA ENTRE OS CHINEZES.

Devêmos apenas diser, que variam muito as acções dos dois chás—verde e preto—sobre a nossa economia: sendo proprio do chá verde, quando tomado em alto gráo, causar a insomnia, e um grande erethismo nervôso.

O seu uso é toleravel entre as pessoas lymphaticas e obesas; mas deve formalmente ser interdieto o seu uso em excesso ás pessoas magras, irritaveis, e nervosas.

O chá preto estimula muito menos do que o chá verde.

Na composição do chá entram um oleo essencial, o tannino, e um principio muito azotado—a *théina*—e isto em qualquer dos chás, com pequenas differenças nas suas proporções.

A *théina* offerece a mesma composição chimica que a *caféina*, como verêmos, quando tratarmos do café. E' isto uma singular coincidencia entre duas plantas de familias botanicas diferentes, e que tanto se vão usando entre as sociedades modernas.

Vejamos o que diz Fonsagrives ácerca da *théina*, mas em resumo.

Esta substancia tem grande actividade segundo as experiencias de Mitcherlich: envenena rãs, peixes, e até gatos.

Está porém demonstrado por Payen, que

não menos de um kilo de chá em substancia é sufficiente para envenenar o homem. Não tenhaes portanto cuidado, ó chasistas e modernos civilisadores, da epoca actual.

Tomado em demasia, bem como qualquer outra substancia, por certo que pode fazer mal; e a experiencia nos tem mostrado, que, quando d'elle se abusa, causa grandes insomnias, e emagrecimento, o tremôr habitual, e um particular estado de erethismo nervoso, em que já fallamos. Mas tambem é um excellente diffusivo e até estomachico. Anáthema a Tissot, que o considera como a causa do apparecimento de varias molestias nervosas; e mesmo a Zimmermann, o qual tambem sem razão alguma lhe chama—*má lexivia chinesa*.—Chamar lexivia a tão agradável bebida, é horripilante, é até indignidade; e muito mais quando os resultados lhe são favoraveis.

O chá vae hoje sendo bebida universal entre o sexo amavel. E sendo a infusão bem feita—tendo sempre á vista os excellentes conselhos de Brillat Savarin? Quantos *surdos do saber* não pesam bem a vantagem do uso do chá!

Quantas deliciosas conversas nos salões, e saboreando uma tão innocente bebida, quando no seu uso ha moderação, como deve sempre haver!

E' o chá propriamente uma bebida para a noute; pois que para o almoço é insufficiente para reparar as forças: e como almôço de liquidos tem todos os inconvenientes, isto é, póde ser a causa de grandes perturbações digestivas, que muito devem evitar-se. Pode dar logar á tal *dyspepsia* das *bebidas* em que fallava o grande Chomel. Cautella pois com esta bebida em certas e determinadas circumstancias. Evitae, illustrados amadores d'esta bebida, as fraudes, que a todas as horas estão apparecendo; e o mesmo chá de Java, que ainda n'alguns pontos da Europa é consumido, e com a marca dos chás da India.

Evitem as fraudes quando se fazem as infusões, e que lhes dão côr com diversas substancias—com o azul de Prussia, com o chromato de potassa, o sulphato de cal e até a graphite, etc. etc. São estas fraudes, de que deveis acautelar-vos, e que tanto prejudicam o nosso paladar e a nossa saude.

E' por este motivo que mais convem o uso do chá preto, como menos sujeito a estas fraudes.

E' o chá um alimento, como alguém suppõe? Tal não acreditamos. Pode considerar-se antes a nosso vêr um condimento, porque é uma substancia estimulante do estomago, exaltando as suas aptidões digestivas.

O chá, meus caros leitores e leitoras é uma bebida inoffensiva, quando seja tomado com regra: e portanto muito vo^s aconselho o seu uso, principalmente n'estas grandes noites do inverno, em que principalmente nas provincias é de absoluta necessidade o fazerem-se serões: e esta bebida diffusiva, com o auxilio dos classicos fogões, obstarão a que teriteis de frio, oh jovens leitoras. Demais a mais, oh escriptores consumados, para as vossas lucubrações no inverno, deveis procurar sempre esta bebida, tão estimulante do cerebro, e tão propria para que possaes de noite continuar por mais tempo, dedicando-vos aos vossos proficuos trabalhos intellectuaes.

Pombal.

DR. LINO DE MACEDO.

A'S HORAS MORTAS DA NOITE

(ROMANCE)

(Offerecido a Joaquim Januario da Silva)

V

(Continuação do n.º 17.)

E a Herdade—pois, como o leitor sabe, é assim denominada a casa onde nos achamos—enfileira-se na classe d'aquellas de que acima fallamos.

No leito do soffrimento agonisa o honrado lavrador, a quem Eduardo chamou—seu compadre.

Reclinada no catre, e com os olhos cravados no leito, parecendo sentir arrancar-se-lhe uma e uma as folhas da esperanza, ao menor movimento do enfermo, está uma joven, cuja idade não pode ir alem dos dezeseite annos.

Dil-a-ieis o anjo da saudade velando o somno do moribundo.

O arroxeadado dos cilios é testemunho inequivoco de pranto derramado em arrastadas noites de vigilia dolorosa.

Eduardo e Alvaro Quintella conversam a meia-voz. Aquelle não desfita o rosto do enfermo, onde a pallidez da morte se torna mais pronunciada de momento a momento.

VI

Quero poupar o leitor a uma scena de

amarguras e lagrimas, e para isso convido-o a acompanhar-me n'um pequeno passeio, durante o qual conversaremos a respeito d'um dos personagens que o leitor ja conhece.

E' de Eduardo de Macedo Negrão, —que, como bem sabe, tem uns olhinhos pardos, tez abaçanada, nariz aquilino, e fórmas algo escorreitas,—que eu desejo diser-lhe duas palavras.

Não sei se o leitor ja ouviu aquelles camponios simplorios darem uma roda de *doutor* ao nosso Eduardo; pois é certo que assim o tractam, não sei com que bullas. Que Eduardo Negrão ja passeiou pelas ruas vetustas de Coimbra, e ja viu os salgueiraeas do Mondego, é verdade bem sã e córadinha; porem que de la trouxera umas credenciaes que o acreditassem ainda mesmo bacharel das duzias, é o que não consegui averiguar sufficientemente.

E que as trouxesse?! Nós conhecemos tantos bachareis que nem o seu nome escrevem conscientemente....

Eduardo pertencia a uma familia rica. Segundo elle, o sol pendurava-se em redoiça nos galhos da sua arvore genealogica. Cioso dos seus pergaminhos, via aquillo a que chamava povo, com esses olhos que espalham diplomas d'insignificancia a torto e a direito, — caracteristico mui peculiar aos idiotas da fidalguia.

No Monte, denominação da casa dos Negrões, vivia tambem a irmã de Eduardo, D. Laura, senhora muito arrebitada, muito pretenciosa, e infinitamente mais fidalga do que a propria fidalguia. D. Laura, sempre que fallava dos seus avós, lançava cada bochechada de vento capaz de apagar o sol. Para ella e para o digno irmão, aquelles que não tiveram a sorte de verem a luz atravez de custosas bambinellas, e não foram enfaxados em coeiros com berliques-berloques, eram uns villões sem alma, e sem merito de qualidade alguma.

Como, amigo leitor? Parece-me que lhe ouvi dizer que eu estava fallando d'algumas suas conhecidas... Ouvi mal; prosigamos.

Alem dos dois vivia alli tambem uma senhora ja edosa, thia dos dois fidalguissimos. Esta, porem usava de capote e lenço, como qualquer pessoa que nenhum parentesco tem com a lua.

[Continúa]

1872.

DIAS FREITAS